

**(Des) romantizando a docência na educação básica:** por corpos que não adoecem nos territórios escolares

**(De)romanticizing teaching in basic education:** for bodies that don't get ill on school territories

**(Des)romantizando la docencia en la educación básica:** por cuerpos que no se enferman en los territorios escolares

Josiele Salgado Moreira<sup>1</sup>

Mariana Alonso López-López<sup>2</sup>

Artigo científico

Linha de pesquisa: Prática Pedagógica, Currículo e Formação de Professores

### Resumo:

Essas palavras convidam à reflexão sobre os desafios da docência em tempos de desumanização da educação. Apresentamos um pensamento que ganha sentido a partir de nossas trajetórias enquanto educadoras. Abordamos o tema da formação, como elemento essencial para preparar, cuidar e oferecer recursos para que os educadores possam estar na escola sem adoecer. Buscamos pensar sobre as razões que nos levam à escolha de ser professoras da Educação Básica na esfera pública e como a prática muitas vezes nos afasta do sentido pelo qual desejamos estar na escola. Esse texto também quer criar um alerta, mostrando como a sobrecarga de trabalho tem adoecido os profissionais da educação, que resistem todos os dias, na luta da educação como um direito que pode transformar as vidas reconhecidas como ameaçadas de seus educandos.

Palavras-Chave: Educação Básica; docência; adoecimento.

### Abstract

These words invite reflection on the challenges of teaching in times of dehumanization of education. We present a thought that gains meaning from our trajectories as educators. We address the topic of professional qualification, as an essential element to prepare, care for and offer resources so that

---

<sup>1</sup> Professora de Educação Infantil, responsável pela Formação de Professores na Escola de Formação Paulo Freire no Rio de Janeiro, Especialista em Educação Especial e Tecnologia pela UFRRJ. E-mail: [josiele.smoreira@rioeduca.net](mailto:josiele.smoreira@rioeduca.net)

<sup>2</sup> Mestre em Educação, Professora de Educação Física, Psicomotricista e Responsável pelo Projeto Espiral Valente: promoção de saúde e prevenção do adoecimento docente. E-mail: [mariana.travessia@gmail.com](mailto:mariana.travessia@gmail.com)

educators can be at school without getting sick. We seek to think about the reasons that lead us to choose to be Basic Education teachers in the public sphere and how the practice often takes us away from the meaning in which we want to be at school. This text also wants to create an alert, showing how work overload has sickened education professionals, who resist every day, in the fight for education as a right that can transform the lives recognized as threatened of their students.

Keywords: Basic Education; Teaching; illness.

## Resumen

Estas palabras invitan a reflexionar sobre los desafíos de la enseñanza en tiempos de deshumanización de la educación. Presentamos un pensamiento que cobra significado a partir de nuestras trayectorias como educadoras. Abordamos el tema de la formación, como elemento esencial para preparar, cuidar y ofrecer recursos para que los educadores puedan estar en la escuela sin enfermarse. Buscamos pensar los motivos que nos llevan a elegir ser docentes de Educación Básica en el ámbito público y cómo la práctica muchas veces nos aleja del significado de nuestro deseo de estar en la escuela. Este texto también quiere crear una alerta, mostrando cómo la sobrecarga de trabajo ha enfermado a los profesionales de la educación, que resisten cada día, en la lucha por la educación como un derecho que puede transformar las vidas reconocidas como amenazadas de sus estudiantes.

Palabras clave: educación básica; maestros; enfermedad.

## Realidades tão nossas...

Começamos esse texto, partindo da compreensão de que o professor não nasce professor, mas se constitui como tal, mediado pelo social e pelas formações que recebe. Em suas relações sociais, produz significados que colaboram com seu desenvolvimento pessoal e com a construção de seus desejos e sonhos. Essas significações revelam as mediações determinantes de sua escolha pela docência.

É preciso reconhecer que historicamente foi-se estabelecendo na educação uma visão de ensino-aprendizagem centrada no professor e na hierarquia, com a passagem de conhecimento de maneira vertical, reforçando os mecanismos de controle de um país, que coloca em sua Constituição a educação como um direito, porém desumaniza o funcionamento da escola pública. Essa maneira de funcionar existe por anos, na tentativa de abafar qualquer tipo de resistência e abertura ao novo.

Ao precarizar as condições estruturais das instituições educativas e de trabalho dos profissionais da educação pública com cortes de recursos, atraso na chegada de verbas essenciais, falta de profissionais e oferecimento de formações voltadas especificamente para atender demandas numéricas, metas e resultados, o

sistema nos mantém enfraquecidos, impedidos de criar e esquecidos de nossa potência. Sendo assim, todas as vidas presentes no território escolar se tornam ameaçadas e privadas de seus direitos básicos, entre eles: educação, saúde e vida.

A gravidade do momento político é que a educação, os docentes-educadores são condenados por terem tomado partido por reconhecer essas infâncias, adolescências, jovens-adultos como humanos, por ter olhado e reconhecido nos educandos resistências humanas, por ter escutado os gritos, lamentos das mães pedindo que tratem seus filhos como humanos, que minorem seus sofrimentos, que protejam suas vidas ameaçadas. Tempos de condenar as escolas, seus profissionais por superar velhas históricas representações dos Outros como in-humanos e de reconhecer nos Outros desde crianças processos de resistências, pedagogias por afirmar-se humanos a merecer viver vidas mais justas, mais humanas (Arroyo, 2019a, p.199).

O cenário da educação atual é alarmante. O adoecimento docente é fruto de todo esse modo de funcionar que minimiza nossas necessidades humanas, como se não fossem importantes e coloca o professor em um estado de sobrecarga, sem o apoio adequado para lidar com os desafios da educação. Para além de uma pedagogia de resultado, os professores estão todos os dias de frente com as questões sociais. “[...] às escolas públicas, sobretudo, chegam infâncias, adolescências violentadas pela sociedade” (Idem, 2019a, p.189). Por que não estamos falando sobre isso nas formações?

É preciso (re) pensar a visão amplamente difundida de discussões em torno da formação inicial dos professores, junto à configuração do curso sob seus aspectos culturais, teóricos, sociais e práticos, dada a realidade encontrada pelos educadores nas esferas escolares e extraescolares.

Para alguns estudantes, concluir o ensino médio, estudar para o vestibular, conquistar a tão sonhada vaga para viver o ambiente universitário, indo de calouro a veterano, até chegar à formatura, é um sonho. No entanto, esse caminho já não era linear para grande parte dos jovens brasileiros, e cada vez mais, tem se tornado tortuoso nos últimos anos. Existem barreiras que dificultam a entrada no ensino superior e causam a perda de conexão com a escola. A urgência do trabalho leva à descrença no estudo como forma de ascensão pessoal e social.

Com tantos entraves, muitos estudantes nem tentam entrar nas universidades e os que conseguem, por falta de recursos, optam pelos cursos de pedagogia ou

licenciatura, pois são menos procurados por estudantes com um maior poder aquisitivo. É perceptível, a presença de alunos mais pobres na área de formação de professores. Isso nos mostra que esses cursos têm desempenhado um papel importante na democratização do ensino superior, mas leva também a uma discussão a respeito de como a qualidade da educação recebida nas escolas públicas, afeta seu percurso universitário.

Precisamos refletir como professores com pouca base vão formar os alunos na educação básica. É de suma importância que o MEC fiscalize a qualidade dos milhares de cursos de Pedagogia EAD (Educação à Distância) disponíveis na internet e que as Secretarias de Educação entendam como vão dar o suporte para sanar as lacunas que a falta de estrutura no ensino público deixa nos estudantes e futuros profissionais da educação, evitando esse círculo vicioso que coloca a educação pública brasileira em penúltimo lugar no ranking global de qualidade de educação.

As cotas não bastam. Para que os jovens mais pobres estejam nas universidades públicas e privadas, é necessário um investimento pesado em políticas públicas de educação, que não só aumentem as chances de entrada no ensino superior, como também os acompanhem nessa trajetória. Infelizmente, o perfil dos estudantes de cursos que formam professores é um reflexo da falta de uma política nacional que realmente valorize o magistério e queira de fato oferecer às pessoas uma educação pública de qualidade desde a educação infantil até a universidade.

Todos esses fatores afetam a qualidade da educação, a saúde docente, aumentam as desigualdades sociais e diminuem as oportunidades de um futuro bom para alunos e professores.

### **Constituir-se docente:**

A formalização do conhecimento profissional ligado ao ato de ensinar implica a consideração de uma constelação de saberes de vários tipos, passíveis de diversas formalizações teóricas – científicas, científico didáticas, pedagógicas (o que ensinar, como ensinar, a quem e de acordo com que finalidades, condições e recursos), que, contudo, se jogam num único saber integrador, situado e contextual – como ensinar aqui e agora –, que se configura como ‘prático’ (Roldão, 2007, p. 98).

Roldão nos convida a entender a relação teoria-prática como o conhecimento teórico produzido pelos professores na prática de ensinar, designado por saber fazer, saber como fazer e saber por que se faz. A construção do conhecimento profissional docente se dá em um processo de reflexão a partir de sua prática em ação, consolidando sua formação inicial e em exercício. Porém constituir-se docente em um país que não valoriza e profissionaliza a profissão do professor é um desafio. Essa desvalorização influencia muito na identidade dos profissionais da educação, que trabalhando na escassez, não podem muitas vezes trazer a teoria tão bonita para a prática, pela falta de estrutura e acompanhamento desse profissional.

Em um caminhar solitário e trabalhando no limite de suas forças, devido à sobrecarga de trabalho, fica difícil encontrar a motivação para pensar novos caminhos. Dentro do possível, fazer com o que se tem diário, muitos profissionais veem sua prática prejudicada e sua saúde ser afetada pela rotina escolar, sendo, portanto, necessária, a investigação das principais causas do surgimento destes fatores.

A primeira com certeza são os baixos salários. Pagar pouco a um professor, desvaloriza seu trabalho, afeta sua motivação e faz com que ele tenha que trabalhar mais horas ou em mais de um lugar, para ter uma renda que dê conta de pagar suas despesas e com sorte, poder exercer seu direito ao lazer.

A segunda causa é a falta de estrutura, principalmente nas escolas públicas, que ofereça o mínimo adequado para a realização de um trabalho de qualidade.

A terceira é uma formação muito teórica e não condizente com a realidade da maioria das escolas brasileiras, onde os números importam mais do que as pessoas.

Segundo Arroyo (2019, p.214): “Quando a escola e a docência se fecham e só são sensíveis às demandas do mercado, os horizontes formadores se perdem”. Todo sistema está organizado para que os professores se percam no caminho de educar. Professores perdidos não conseguem entrar em sintonia com seus alunos. Sendo assim, o que mais vemos são conflitos e caos entre professores e alunos, gerando um desgaste que muito interessa aos desgovernos. Quanto mais despreparados, mais facilmente controlados!

Trajetória de vida, formação e docência caminham juntos. Nossas universidades, assim como as escolas, continuam presas a um currículo que não condiz com a realidade e ignora os saberes dos alunos e as aprendizagens que acontecem fora do ambiente escolar. Os documentos que fazem parte da educação brasileira são bem escritos em sua teoria, mas pouco visíveis nas práticas educativas. As formações falam de números e metodologias, mas não dão estrutura de fato para que os professores consigam aplicá-las. Também autores como Paulo Freire, tão referenciado, citado e admirado, estão pouco presentes nas ações da maioria dos espaços educativos.

As questões trazidas pelos alunos são tão desafiadoras, que nossa formação não dá conta de tanta diversidade e choques de realidade. Estamos presos a uma teoria que não fala do território onde vivem os alunos, nem das questões sociais que enfrentam. Como resultado, temos conteúdos que não geram interesse, porque nada tem a ver com as marcas que carregam os corpos discentes. Queremos que os alunos operem como engrenagens de absorver conhecimento porque assim também fomos tratados em nossa formação.

Poucas são as formações oferecidas pela esfera pública, que realmente fazem a diferença na vida de professores e alunos. Muitos cursos interessantes, que trazem novidades e caminhos, são realizados por empresas privadas e possuem um custo elevado para a maioria dos docentes, dificultando o acesso democrático e impedindo que pessoas vindas de realidades sociais distintas, possam ocupar os mesmos espaços e pensar juntas. Infelizmente, ainda estamos divididos em grupos sociais, sem conseguir entender a riqueza da nossa diversidade. Sendo assim, o povo, não detentor dos privilégios de classe, continua sendo visto como a massa.

A educação que não prioriza a autonomia, a liberdade, o pensamento crítico, o desenvolvimento de potências e o autoconhecimento, não abre espaço para que essas ciências humanas estejam presentes nos currículos escolares, universitários e de formação em geral. A partir dessa constatação, entendemos porque não conseguimos mudar nossa realidade social e os parâmetros da educação, que continuam pautados em desigualdades sociais explícitas em todos os ambientes educativos.

A esperança ainda permanece viva, devido aos educadores que conseguem driblar o sistema e proteger sua paixão da crueldade do sistema escolar e ainda carregar em sua docência a esperança e o acreditar no poder dos alunos como agentes de transformação social. Pessoas, que ainda não perderam a capacidade de sonhar, se apaixonar e se encantar!

### **Um sistema que não incentiva o sonho e o acreditar em si mesmo, o que quer de nós?**

Para pensar a docência é preciso lembrar que todo professor é também uma pessoa de carne e osso. Por serem tratados como máquinas e deixados sozinhos, sem o oferecimento de uma rede de apoio diante dos complexos desafios da educação é que o adoecimento docente, fruto de um esgotamento físico e mental, se torna uma realidade cada vez mais alarmante a cada ano. É preciso falar sobre esse tema, já que poucas são as Secretarias de Educação e escolas que realmente se preocupam e pensam em soluções para cuidar da saúde de seus profissionais.

Então, que tal (des)romantizamos a profissão do professor? Uma escola acostumada a pensar só no aluno, muitas vezes ignora que a equipe docente também precisa de cuidado. O amor à profissão precisa de cuidado. Todos os professores têm uma carga mental que não é só voltada para o ato de ensinar ou mediar aprendizagens. Eles estão envolvidos na formação humana, na aprendizagem de conteúdos e na mediação de conflitos. Também têm a responsabilidade de ajudar a desenvolver as habilidades socioemocionais dos alunos e intermediar os desafios da convivência na sala de aula. Além de todas as demandas laborais da escola, que muitas vezes são levadas para sua própria casa, ainda existem as questões de sua vida pessoal, que também precisam da sua energia e atenção.

Lembramos que da docência se espera ao longo dessas décadas que contribua na inserção social e cultural das camadas populares, que conscientize para emancipação e a liberdade, que prepare trabalhadores ordeiros, que eduque para a cidadania consciente, que supere preconceitos de raça, gênero, classe. Dos professores se espera que eduquem para a diversidade, que formem valores modernos, que cultivem a nova ética do trabalho, que colaborem na inclusão social, que formem o trabalhador polivalente exigido pela reorganização produtiva, que cuidem da infância e

reeducuem a adolescência e a juventude supostamente violentas, que os vacinem moralmente contra o vício e a droga, etc. (Arroyo, 2019, p.212).

Tantas demandas, dentro e fora da escola, podem comprometer a saúde mental e física dos professores, afetando também sua relação com seus alunos. O que deveria ser prazeroso, torna-se estressante. E quando essa tensão é constante e não recebe os cuidados necessários para aliviá-la, é o momento em que o adoecimento acontece.

Com toda essa sobrecarga e enfrentando muitas vezes condições inadequadas, com jornadas de trabalho muito longas e salas de aula lotadas, muitos professores estão “desmoronando”. O *Burnout* – o esgotamento físico e mental associado ao trabalho – já é uma realidade da profissão. Muitas instituições educacionais públicas estão sucateadas e os professores abandonados à própria sorte.

[...] a Síndrome de *Burnout* não se refere a um problema apenas do indivíduo, mas a uma má organização da relação entre o ambiente de trabalho, as características pessoais do profissional em questão e a natureza da atividade que desenvolve, ou seja, os aspectos individuais associados às condições e relações de trabalho formam uma constelação que propiciaria o aparecimento de fatores multidimensionais de síndrome, quais sejam: Exaustão Emocional, a Despersonalização e a Reduzida satisfação pessoal no trabalho (Assis, 2006, p.36).

Sete em cada dez profissionais afirmaram que não receberam qualquer tipo de apoio para saúde mental (NOVA ESCOLA, 2023). É essencial que a subjetividade do professor seja acolhida, afinal, as suas emoções não ficam de fora da sala de aula.

Devemos ficar alertas a alguns sintomas de *Burnout*: cansaço físico e mental excessivo, dor de cabeça frequente, insônia, dificuldades de concentração, negatividade constante e sentimentos de frustração e derrota (MINISTÉRIO DA SAÚDE).

Sendo o trabalho, a venda de uma parte do nosso tempo de vida, o professor vê suas qualidades e conhecimentos, avaliados a baixo custo, sendo rentabilizados em favor de outros e dos cofres públicos. Sendo assim, a partir da desvalorização de seus esforços, os educadores se veem presos a um sistema que não se renova e não se humaniza, funcionando como uma fábrica, onde todos que trabalham na

escola se tornam produtos desse sistema. Neste contexto, o professor “[...] concebe a própria vida como trabalho e a si mesmo como capital” (Larrosa, 2018, p.245).

Às vezes, diante da figura do (a) professor (a) sinto-me como se estivesse diante de um velho e apagado retrato de família. Com o tempo perderam-se cores e pagaram-se detalhes e traços. a imagem ficou desfigurada, perdeu a viveza, o interesse. Mais um retrato a aguardar na gaveta de nossos sonhos perdidos, para revê-lo em tempos de saudade (Arroyo, 2000, p.13).

Sendo considerado um produto, o professor vai perdendo sua identidade. “Um dos desafios na formação de professores é justamente o de possibilitar a cada licenciado que encontre sua própria palavra” (Hernández, 2012, p.1). Aquela via por onde se expressa melhor, deixando seu sentir mais sossegado e seu trabalho mais fluído e condizente com o que acredita, tornando tudo menos obrigatório e mecânico. Todas as metas, em sua maior parte irreais, metodologias de ensino engessadas, pressões por resultado e qualquer outra ação que busque tornar os professores iguais, privando-os de sua liberdade para criar, contribuem para que paixões sejam transformadas em desencanto.

Desencantar-se é sinônimo de adoecer. Ninguém pode ficar bem em um lugar onde seu esforço não é valorizado, sua autonomia é reprimida e a sobrecarga de trabalho é constante. Ninguém pode estar feliz em um ambiente que suga suas energias e pressiona tanto, a ponto de nos levar a fazer escolhas que afetam nossa saúde em nome do trabalho. A carga de produção é tanta, que muitas vezes nos esquecemos de nós para não parecermos fracos, perdermos o emprego ou sermos vistos como maus profissionais. Um sistema que forma o professor para ser produtivo, promove também seu consumo nesse processo (Larossa, 2018).

Pular refeições para preparar aulas, deixar de se hidratar e trabalhar horas sem parar é sinônimo de um corpo que se adaptou à escassez e se acostumou a ignorar o seu querer, funcionando na maior parte do tempo em modo de sobrevivência. Professores adoecidos geralmente fazem sua jornada de cura sozinhos e sem nenhum apoio, fora as licenças médicas a que têm direito. Muitos educadores usam remédios para suportar as rotinas escolares e não conseguem dizer os “nãos” necessários para preservar o que possuem de mais precioso: sua saúde e sua vida.

É preciso se permitir tempos de pausa e descanso. Ter tempo para o lazer, para estar próximo ao que traz bem-estar. É preciso encontrar um caminho para uma docência saudável, buscar atividades de autocuidado que gerem impactos positivos na vida de educadores e educandos. Não existe uma receita ou algo certo a fazer quando falamos de exercitar o cuidado de si. Cuidar de si para uns pode ser ver uma série na TV. Para outros, pode ser praticar uma atividade física, meditar, fazer Yoga, tomar café com um amigo, sentar em um banco no parque para ler um livro ou simplesmente contemplar a paisagem. Não podemos esperar que façam isso por nós! A vida está passando e o que estamos fazendo com o nosso tempo? Com a nossa saúde? Com as chances de aproveitar as pequenas felicidades? Não podemos deixar que nos façam acreditar que somos máquinas de produzir conteúdo! Porque quando pifamos, somos apenas substituídos.

A educação durante muito tempo foi vista distante da ótica da saúde. Os índices de adoecimento docente mostram números alarmantes que nos dizem que educação e saúde não podem mais estar dissociadas uma da outra. Todas as experiências docentes, boas ou ruins, vão gerando marcas nos corpos dos professores. Algumas são memórias prazerosas, mas outras, podem se constituir como verdadeiros traumas, frutos de experiências dolorosas, que muitas vezes afastam os professores da sala de aula e até mesmo da própria profissão.

### **Docentes e humanos:**

A formação dos professores deveria considerar o cuidado com a saúde dos educadores tão importante quanto aprender/ensinar conteúdos e aplicar metodologias pedagógicas. Estar bem física e mentalmente na escola, faz com que o professor também esteja melhor para seus alunos. O calendário de formações deveria considerar indispensável um momento para cuidar da equipe docente. Educar, jamais deveria ser sinônimo de adoecer! Os sinais de adoecimento “[...]começam como tentativas de conviver com emoções que se tornaram insuportáveis por falta de contato humano e apoio adequado” (Van der Kolk, 2020, p.414).

Muitos professores não acreditam no sistema para o qual trabalham. O piloto automático de uma pessoa, não demora muito a dar sinais de que detrás do professor, existe um ser humano demais para atender às metas de rendimento. O que vemos são salas lotadas, questões sociais em meio ao conteúdo programático e um professor sem o suporte multiprofissional de um assistente social ou de um psicólogo, por exemplo, para lidar com questões sérias de violência, comportamento e abuso. Não se pode exigir que os professores saibam o que fazer com tudo isso, sem dar-lhes o suporte que precisam. O resultado desse descaso são professores esgotados, frustrados e sobrecarregados. Assim como as crianças:

[...] precisamos ter essa confiança - a confiança de que os outros nos conhecem, nos valorizam e nos tratam com carinho. Sem esse sentimento não poderíamos desenvolver um senso de agência que nos permite afirmar: "Acredito nisso, defendo isso, vou me dedicar a isso" (Van der Kolk, 2020, p.416).

É preciso proporcionar aos professores outros tipos de experiência, dentro de uma linguagem mais humanizada para a educação, onde se leve em conta não só as notas, resultados, classificações e o Vestibular, mas também o que ele sente dentro da escola e a bagagem social que traz. A escola precisa estar consciente de sua responsabilidade em capacitar os profissionais da educação para os desafios da rotina escolar, bem como de sua contribuição para a formação de alunos, não apenas para o mercado de trabalho, mas também, para lidar com seus desafios de vida.

Nossa linguagem, a forma como nos comunicamos uns com os outros no mundo, "não é apenas algo que temos, e sim, tudo que somos [...]" (Larrosa, 2019, p.58). Para que os professores voltem a sentir prazer no que fazem e paixão pela profissão que escolheram, é preciso que encontrem sentido no que estão experienciando todos os dias. Experimentar a educação não é o mesmo que planejá-la. Claro que existe um componente organizacional das atividades, mas deveríamos estar abertos também ao imprevisto, ao resultado que acontece diferente do desejado, às humanidades que transbordam todos os dias dentro das instituições de ensino. Elas não podem ser explicadas pela razão a partir de respostas que supõem a verdade. "[...] não está do lado da ação e sim da paixão. Por isso a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade,

exposição” (Larrosa, 2019, p. 68). Por que essas palavras têm habitado muito pouco o universo escolar?

Segundo Hernández (2012, p.6), “Discute-se muito sobre a divisão das disciplinas nas escolas, sobre a falta de diálogo entre os diferentes professores especialistas, sobre a compartimentalização do conhecimento no ambiente escolar”. A Educação Física, a Arte e a Música, muitas vezes relegadas a um papel de coadjuvantes dentro da escola, deveriam estar presentes também quando pensamos em formações docentes.

É impossível manter a paixão andando somente sobre a razão. Educação Física, Arte e Música nos tiram da zona de conforto, nos fazem refletir, repensar nossa prática, sentir a educação diferente. Somente nesses lugares, onde a emoção habita, é possível preservar o encanto, que mantém o sentido para continuar, mesmo diante de tantas dificuldades sociais, estruturais e da falta de vontade política.

A instituição colonial edificou-se a partir da pilhagem de corpos indígenas, negros e femininos brutalmente assassinados, desencantados, desmantelados e blindados cognitivamente. O corpo, como um suporte que monta outras sabedorias, um inventário e mola propulsora de ações táticas firma como um assentamento de outros modos de racionalidades, opostos aos praticados pelo Ocidente. Dessa forma, o corpo se consagra como a própria instituição que compreende a existência do ser em integralidade com a comunidade e o universo (Rufino, 2019, p.2).

Existe uma urgência de mudança em nosso fazer docente. Além de (Des)romantizar a docência é preciso desassossegar, para produzirmos teias que apontem caminhos mais afetivos entre teoria e prática, considerando a potência que cada um pode trazer para contribuir. Ver a diversidade como uma aliada ao nosso crescimento profissional e pessoal, à nossa saúde tão essencial e uma ponte que nos leva ao compartilhar das tarefas para diminuir a sobrecarga individual.

Não é normal colocar-se à beira do abismo, sentir-se onipresente e onisciente o tempo todo. Precisamos buscar novas formas de existência na escola, que repercutam em leveza para a vida diária. Não é à toa que na escola somos uma equipe. Mas, estamos com a cabeça tão enfiada em nossos buracos pedagógicos e conteudistas, que muitas vezes não percebemos que tem mais gente ao redor precisando de ajuda ou que pode ajudar. O movimento deve ser no sentido de unir

forças, desatar os nós, aliviar as dores e as angústias e encontrar novamente prazer em ser professor e habitar a escola.

### **Para não finalizar...**

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: — Me ajuda a olhar! (Galeano, 2002, p. 12)

Assim como Diego, precisamos de ajuda para olhar o mar. Em nosso caso, olhar o mar de possibilidades da docência, sem romantizar, mas enxergando no coletivo a potência para transformar. Precisamos lembrar porque somos educadores e trazer o frescor do que a gente sonhava ao fazer essa escolha. Enquanto as políticas públicas não forem libertadoras e realmente buscarem melhorar a qualidade da nossa educação, vamos precisar nos unir enquanto coletivo docente, partilhar nossos conhecimentos para aprender a olhar juntos, o que antes não víamos.

Mesmo que diante de nós esteja o suposto mesmo de sempre, a força do coletivo é a que nos fortalece e nos lembra a razão pela qual estamos ali, na escola, na esperança de que nossas sementes de mudança, realmente transformem o futuro, mudando a realidade da educação pública brasileira para melhor. E, como o menino de Galeano, sussurramos entre nossos pares: me ajuda a olhar! Só com apoio, conseguiremos ampliar nossas possibilidades de caminho, melhorando a qualidade da nossa formação e oferecendo novas oportunidades aos nossos alunos.

Vamos precisar de todo mundo, pois o mundo do trabalho passa por profundas transformações na concepção e nas relações. O sentido do trabalho, hoje, é viver com dignidade e isso implica realização pessoal e profissional. Produção de sentido no trabalho requer partilha de saberes, autoconhecimento e autoestima, o que resulta em auto realização. Ao longo de nossa trajetória, cada docente internaliza aprendizagens, as quais se manifestaram na sua práxis docente. Portanto, para além da formação acadêmica, a profissionalização docente é

constituída das crenças e valores marcados em nossos corpos pela nossa trajetória de vida. A identidade profissional docente constrói-se num processo permanente dentro da profissão, processo esse em que se fundem a profissionalização, a personalidade e a força do coletivo.

A tomada de consciência sobre o próprio percurso de vida, abre caminhos para a mudança pessoal, para a transformação da realidade e para a compreensão das diferenças e das diversidades. Em potência coletiva, não poderemos resolver as questões que são responsabilidades do poder público, mas podemos encontrar caminhos para não adoecer diante desse descaso. Enquanto os governantes não sentirem vergonha de não cumprirem seu dever de educar com qualidade seu próprio povo, que a gente continue nossa caminhada de resistência, jogando sementes de um futuro onde ninguém solte a mão de ninguém para que um dia a educação receba o valor que merece.

### Referências

ARROYO, M. **Imagens Quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis/RJ: Vozes, 2019.

ARROYO, M. **Vidas Ameaçadas**: Exigências Éticas da Educação e da Docência. Petrópolis/RJ: Vozes, 2019a.

ASSIS, F. B. **Síndrome de Burnout**: um estudo qualitativo sobre o trabalho docente e as possibilidades de adoecimento de três professoras das séries iniciais. 2006. 146f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia: Instituto de Psicologia, Uberlândia, 2006.

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

HERNÁNDEZ, M.M. **Invertendo o jogo**: a arte como eixo na formação de professores. São Paulo: 2012.

LARROSA, J. **Esperando não saber o quê**: sobre o ofício de ser professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LARROSA, J. **Tremores**: Escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LYRA, T. Pesquisa revela que saúde mental dos professores piorou em 2022. Nova Escola, 2022. Disponível em: [https://novaescola.org.br/conteudo/21359/pesquisa-revela-que-saude-mental-dos-professores-piorou-em-2022?gad\\_source=1&gclid=CjwKCAiA\\_aGuBhACEiwAly57MQvRuP4be51hsWTz\\_L](https://novaescola.org.br/conteudo/21359/pesquisa-revela-que-saude-mental-dos-professores-piorou-em-2022?gad_source=1&gclid=CjwKCAiA_aGuBhACEiwAly57MQvRuP4be51hsWTz_L)

Sala 8 - Revista Internacional em Políticas, Currículo, Práticas e Gestão da Educação.

V.1 N. 7/2024 | ISSN 2764-0337 | <https://doi.org/10.29327/235555.1.7-6>

Recebido em: 18/06/2024 | Aceito em: 24/09/2024 | Publicado em: 15/10/2024

wrKEdCTHzRVeDWIPoFO1-CkazW1XkdQRljXBoC35kQAvD\_BwE Acesso em: fev. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Síndrome de *Burnout*. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sindrome-de-burnout> Acesso: fev. 2024.

NOVA ESCOLA, 2023. Pesquisa Violência nas Escolas. Disponível em: [https://www.amesuamente.org.br/wp-content/uploads/2023/12/PesquisaViolencianasEscolas2onda\\_2023.pdf](https://www.amesuamente.org.br/wp-content/uploads/2023/12/PesquisaViolencianasEscolas2onda_2023.pdf) Acesso: fev. 2024.

ROLDÃO, M. C. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 94-103, jan.-abr. 2007.

RUFINO, L. O que pode Elegbara? Filosofias do corpo e sabedorias de fresta. **Voluntas**, Santa Maria, v.10, p. 65-82, set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39951> Acesso: jan. 2024.

VAN DER KOLK, B. **O corpo guarda as marcas**: cérebro, mente e corpo na cura do trauma. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

NOTA: Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.